

### CAIU NA REDE...

*Fernanda Gabriel Mendes*

(Nem) tudo o que cai na rede é peixe. Esta dupla face do dito popular fazia parte dos discursos cotidianos de gerações passadas, quando se pensava em rede como a de pescar, ainda que a de descansar também fosse evocada pela palavra. Atualmente, a WWW (rede mundial de computadores) é uma referência muito mais presente, já que vivemos numa época caracterizada pela crescente inserção das tecnologias em nosso dia-a-dia, especialmente a internet, utilizada por um número maior de pessoas para procurar e trocar informações, se comunicar e organizar suas atividades.

A humanidade sempre esteve envolvida em redes de relações, possibilitando a construção de significados através de muitas interações. Entretanto, se as redes de relações não são novas, a valorização das suas várias tessituras é recente e está associada à compreensão de que as interações humanas são multifacetadas e, assim sendo, não cabem em modelos sempre hierarquizados.

Com a internet, torna-se possível a participação em redes tecidas no ciberespaço, um lugar de hibridismos, de articulação de diferentes linguagens, tais como escrita, imagem, som e movimento. Com a internet, há espaço para publicação de nossas idéias, permitindo a interação das pessoas envolvidas em atividades distintas e em diferentes lugares. São construídas redes de relacionamento e comunidades que podem se expandir de forma quase ilimitada, em função das práticas de comunicação ali potencializadas.

O conceito de rede é importante para a compreensão da época em que estamos vivendo. Cada um de nós se situa em redes, cada uma delas

correspondendo a uma dimensão da realidade específica que nos constitui: tecnológica, social, cognitiva, biológica, cultural etc. A organização em rede proporciona novos espaços e novas formas de agir, baseadas na colaboração e na cooperação entre os sujeitos envolvidos.

As redes sociais virtuais são espaços de construção de identidades, de encontro e confrontação com o outro, de produção e circulação de valores, saberes e pluralidades. Como os sujeitos envolvidos também são professores e alunos, não há como ignorá-las na escola. Elas trazem novos significados e rupturas, especialmente no que se refere a caminhos para a aprendizagem e projetos curriculares.

Se os sujeitos se informam e se comunicam de diferentes modos, é preciso que, sem cair na armadilha de supor que as tecnologias, por elas mesmas, resolverão todos os problemas educacionais, a escola se aproprie das novas possibilidades. (Nem) tudo o que cai na rede é peixe, mas, até para saber disso, é preciso trabalhar o que lá está, circulando, mobilizando os sujeitos, tecendo novas redes.

### **Sobre o(a) autor(a):**

Fernanda Gabriel Mendes: Mestranda (ProPEd/UERJ), integrante do grupo de pesquisa Educação e Comunicação.



